

ACOMPANHAR NO CAMINHO MATRIMONIAL

A PASTORAL FAMILIAR À LUZ DE
Amoris Laetitia

Francisco Javier Insa Gómez (coordenador)



[**cultor de livros**]

Acompanhar no caminho matrimonial



FRANCISCO JAVIER INSA GÓMEZ
(coordenador)

Acompanhar no caminho matrimonial

A PASTORAL FAMILIAR À LUZ DE
Amoris laetitia

Tradução de Landy Mannarino

[cultor de livros]
São Paulo
2020

© Francisco Javier Insa Gómez, 2020

Título Original

Accompagnare nel cammino matrimoniale: La pastorale familiare alla luce di Amoris laetitia, Edusc, Roma 2019, 2ª edição

Tradução

Landy Mannarino

Diagramação

Elisa H. Storrari

Capa

Liliana Agostinelli

Foto da capa

Daniel Ibáñez

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

INSA GÓMEZ, Francisco Javier (coord.)

Acompanhar no caminho matrimonial: a pastoral familiar à luz de *Amoris laetitia*

Francisco Javier Insa Gómez (coord.). Tradução de Landy Mannarino / São Paulo: Cultor de Livros, 2020.

ISBN 978-65-86580-08-2

1. Vida cristã 2. Matrimônio 3. Pastoral I. Francisco Javier Insa Gómez. II. Título

CDD 248

Índices para catálogo sistemático:

Vida cristã : Matrimônio 248

Todos os direitos desta edição estão reservados a:

Cultor de Livros – Editora

Rua Iperoig, 719 – CEP: 05016-000 – São Paulo/SP

Tel. (11) 3672-3508

www.cultordelivros.com.br

Sumário

APRESENTAÇÃO	11
POR QUE SE CASAR NA IGREJA? REFLEXÕES SOBRE O MATRIMÔNIO NA CULTURA ATUAL	17
<i>Héctor Franceschi</i>	
1. Introdução	17
2. A compreensão do matrimônio: o que é o matrimônio?	19
a) <i>Beleza do matrimônio vs. relativismo cultural</i>	19
b) <i>A necessidade de redescobrir o verdadeiro amor (paixão, éros e ágape)</i>	25
c) <i>A visão “realista” contra a visão “legalista” do matrimônio</i>	26
3. Como transmitir a beleza do matrimônio às novas gerações?	29
a) <i>Ensinar a fazer projetos de vida. A geração do imediato e a influência das novas tecnologias</i>	30
b) <i>A valentia do compromisso como antídoto contra uma liberdade entendida em sentido absoluto e autorreferencial</i>	31
c) <i>Lutar contra o pessimismo antropológico, segundo o qual o homem não seria capaz de ser bom</i>	33
d) <i>Superar o hedonismo e a promiscuidade que se deriva</i>	34
4. A modo de conclusão.....	36
ESTRUTURA E CONTEÚDO DE UM CURSO DE PREPARAÇÃO PARA O SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO	41
<i>José M. Galván</i>	
1. Introdução	41
2. Preparação para o matrimônio na situação atual.....	47
3. A demanda pós-moderna de um amor autenticamente humano	51

4. As exigências do amor autêntico: o diálogo.....	54
5. O amor autêntico exige virtude.....	57
6. Para que o amor dure é necessário confiar em Deus.....	60

A AJUDA E A EXPERIÊNCIA DOS LEIGOS NOS CURSOS DE PREPARAÇÃO PARA O MATRIMÔNIO	63
<i>Annamaria Roggero, Danilo Gentilozzi</i>	

1. Você tem uma boa lembrança do curso pré-matrimonial?	63
2. O noivado, tempo oportuno para se conhecerem mutuamente	64
3. Preparação próxima e preparação remota	66
4. Possíveis conteúdos de um curso pré-matrimonial	67
5. E depois do casamento?	69

A MATURIDADE DOS NOIVOS NA PREPARAÇÃO PARA O MATRIMÔNIO	71
<i>Wenceslao Vial</i>	

1. Introdução	71
2. A maturidade em geral.....	74
3. Sinais de maturidade dos noivos.....	76
4. Perceber as notas desafinadas.....	80
5. Alcançar a harmonia.....	83
6. O diretor da orquestra	85

A CELEBRAÇÃO DO MATRIMÔNIO	87
<i>Giovanni Zaccaria, Francisco Javier Insa Gómez</i>	

1. Introdução	87
2. Na Missa ou fora da Missa?.....	88
a) O matrimônio na celebração eucarística.....	89
I. A categoria da aliança	89
II. A Missa, memorial da nova e eterna aliança.....	91
III. O matrimônio como imagem da aliança entre Deus e o seu povo.....	92
b) O matrimônio na Liturgia da Palavra.....	95
3. Partes da celebração	96
a) Ritos iniciais	97

b) A oração do dia	97
c) As leituras.....	100
d) A homilia	102
e) O rito do matrimônio.....	106
I. O escrutínio.....	106
II. A expressão do consentimento.....	107
III. A bênção e a entrega dos anéis e dos dons.....	108
f) Outras variações da Missa.....	108
g) A bênção nupcial	109
4. Alguns aspectos práticos	111
a) O folheto	111
b) Preparação da igreja	112
c) Os cantos.....	113
d) Alguns requisitos canônicos.....	114
e) Trâmites canônicos e civis exigidos no Brasil	116

O ACOMPANHAMENTO PASTORAL DOS CÔNJUGES NO SACRAMENTO DA
PENITÊNCIA E NA DIREÇÃO ESPIRITUAL..... 119

Ángel Rodríguez Luño

1. Considerações gerais	119
2. A harmonia conjugal	121
3. As famílias dos cônjuges.....	123
4. O afeto conjugal.....	125
5. A abertura à vida	127
6. Algumas situações particularmente graves.....	130
7. A educação dos filhos	132
8. Situações de crise e situações irregulares	135

A EDUCAÇÃO DOS FILHOS PARA UMA VIDA CRISTÃ AUTÊNTICA:

A PERSPECTIVA DOS PAIS..... 137

Annamaria Roggero, Danilo Gentilozzi

1. Introdução	137
2. O direito/dever de educar os filhos.....	139
3. As virtudes humanas e a educação ética dos filhos	141
4. Tarefas específicas dos sacerdotes para ajudar os pais	142

5. A moral sexual: desafio ou problema?	144
6. Conclusões	146

A AJUDA AOS CASAIS EM CRISE..... 147
Mariolina Ceriotti Migliarese

1. Premissa.....	147
2. O matrimônio como vínculo específico.....	149
3. As fases da vida do casal	152
a) <i>A formação do casal, apaixonamento e idealização</i>	152
b) <i>A crise: convivência e desidealização</i>	153
c) <i>A reorganização do casal: a necessidade de aceitar a ambivalência</i>	155
4. Apresentação de uma história: Ana e Lucas	157
a) <i>O apaixonamento e a sua especificidade</i>	159
b) <i>Criticidade da relação antes da crise</i>	162
c) <i>A crise (a traição)</i>	164
5. Como ajudar o casal.....	165
a) <i>A decisão fundamental: juntos ou separados?</i>	166
b) <i>Entender a crise: o ponto de ruptura da relação.</i>	167
c) <i>Superar a crise: da complementariedade à aliança</i>	168
6. Bibliografia.....	169

O ACOMPANHAMENTO PASTORAL DAS FAMÍLIAS FERIDAS
À LUZ DE AMORIS LAETITIA..... 171
Silvia Frisulli

1. Status quaestionis: A pastoral está chamada a que tipo de acompanhamento?	171
2. Aspectos da “ferida” do vínculo matrimonial	174
3. Acompanhar escutando	177
4. Destinatários do acompanhamento	179
5. Linhas de atuação para um acompanhamento pastoral eficaz.....	183
a) <i>Acompanhar motivando</i>	183
b) <i>Acompanhar discernindo</i>	184
c) <i>Acompanhar reconciliando e integrando</i>	185
6. Um exemplo de experiência pastoral com as famílias feridas: a diocese de Treviso.....	186

<i>a) Separados e divorciados que vivem em fidelidade ao seu compromisso matrimonial</i>	186
<i>b) Caminho formativo-espiritual com os que vivem uma nova união.....</i>	188

MISERICÓRDIA E JUSTIÇA NA PASTORAL MATRIMONIAL:

O CAPÍTULO VIII DE AMORIS LAETITIA	191
<i>Miguel A. Ortiz</i>	

1. A misericórdia é a plenitude da justiça.....	191
2. Indissolubilidade, matrimônio e Eucaristia. Comunhão conjugal, eucarística e eclesial	193
3. “Acompanhar, discernir e integrar a fragilidade”. Um novo olhar sobre as feridas familiares.....	198
<i>a) Contemplar cada caso em particular</i>	198
<i>b) Propor um nível alto de santidade também aos fiéis feridos</i>	201
<i>c) Ajudar a discernir a vontade de Deus em cada caso.....</i>	204
<i>d) Formação da consciência e “lei da graduação”.....</i>	206
4. Conclusão. O propósito sincero de querer praticar a doutrina do Magistério e o acesso aos sacramentos.....	211

DISCERNIMENTO DAS POSSÍVEIS CAUSAS DE NULIDADE	215
<i>Héctor Franceschi</i>	

1. Observações preliminares	215
2. A inclusão dos processos matrimoniais na pastoral matrimonial....	217
<i>a) Instrução Dignitas Connubii</i>	217
<i>b) Discurso à Rota Romana em 28 de janeiro de 2006.....</i>	218
<i>c) Exortação apostólica pós-sinodal Sacramentum caritatis.....</i>	220
<i>d) Breve referência aos trabalhos do Sínodo.....</i>	221
<i>e) A indissolubilidade do matrimônio em Mitis Iudex e Amoris laetitia.....</i>	222
3. A pastoralidade dos processos matrimoniais e a <i>salus animarum</i>	223
4. A investigação preliminar ou pastoral e os centros de mediação familiar	224
5. Preparação da causa de nulidade no marco da pastoral familiar unitária.....	228
6. Breve apresentação dos diversos capítulos de nulidade matrimonial.....	233

a) <i>Ex parte personae</i>	234
b) <i>Ex parte consensus</i>	239
c) <i>Ex parte formae</i>	242
7. Conclusão.....	244



Estrutura e conteúdo de um curso de preparação para o Sacramento do Matrimônio

JOSÉ M. GALVÁN⁴⁷

1. Introdução

A recepção de um sacramento requer sempre uma preparação adequada da pessoa que o recebe e do ministro que o confere. No matrimônio, onde ministro e sujeito coincidem⁴⁸, esta preparação é ainda mais necessária. Assim foi indicado pelo Magistério não só nos nossos dias, mas também muito antes da crise histórica do amor humano que caracteriza a cultura ocidental desde a chamada revolução sexual.

Talvez o exemplo mais evidente esteja na *Casti connubii* de Pio XI⁴⁹. Esta encíclica tem numerosas referências à preparação

47 Professor ordinário de Teologia Moral da Pontifícia Universidade da Santa Cruz e de Antropologia teológica no *Istituto di Scienze Religiose all'Apollinare*. Esta contribuição é uma reelaboração parcial do conteúdo da minha intervenção no Congresso “Matrimonio e Famiglia, la questione antropologica” da Pontifícia Universidade da Santa Cruz (2015), publicada como *I corsi di preparazione al matrimonio*, em H. Franceschi (ed.), *Matrimonio e famiglia. La questione antropologica*, Edusc, Roma 2015, pp. 323-333.

48 Como se sabe, os ministros do sacramento são os próprios esposos; o assistente pede e recebe o consentimento em nome da Igreja (cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1623).

49 «Os futuros esposos apresentem-se ao matrimônio bem dispostos e bem preparados, a fim de poderem apoiar-se mutuamente com o conforto necessário nas vicissitudes tristes da vida, e principalmente alcançar a salvação eterna, a fim de formarem o homem interior “segundo a plenitude da idade de Cristo” (cfr. *Ef4,13*)», (Pio XI, carta encíclica *Casti connubii*, 31 de dezembro de 1930, 43).

para a recepção dos sacramentos, até o ponto de que quase antecipa as diversas etapas que serão indicadas em *Familiaris consortio*, começando pela fase remota⁵⁰. Pio XI foi também preciso no que se refere à preparação próxima, de modo que seu ensinamento continua sendo pertinente nos dias de hoje⁵¹.

Portanto, ao motivo fundamental derivado da natureza sacramental do matrimônio se une a importante dificuldade do homem – nesta sociedade moderna na qual tanto custa amar – para viver esse amor genuíno e puro que deveria ser a base do matrimônio. Por desgraça, é muito frequente que aqueles que são chamados ao duplo papel de ministro e sujeito do sacramento não estejam suficientemente preparados acerca da natureza dessa aliança natural que Cristo elevou à dignidade sacramental.

50 «Mas o que fica dito, veneráveis irmãos, depende em grande parte de uma cuidada preparação dos esposos, quer remota, quer próxima, para o matrimônio. Não pode, de fato, negar-se que tanto o sólido fundamento das uniões felizes como a ruína das infelizes se vá preparando e dispondo no coração dos meninos e meninas desde a sua infância e juventude. É de temer que aqueles que, antes do casamento, só pensavam em si mesmos e nas próprias comodidades e que condescendiam com os seus desejos desenfreados, chegados depois ao casamento, sejam o mesmo que eram antes, e tenham finalmente de colher o que semearam» (*ibidem*).

51 «Com relação à preparação próxima de um bom matrimônio, é de suma importância o cuidado na escolha do cônjuge: dela, de fato, depende, em grande parte, a felicidade ou infelicidade futura, podendo cada um dos cônjuges ser para o outro no estado conjugal poderoso auxílio da vida cristã, ou então grande perigo e impedimento. Quem estiver para casar, para que não tenha que sofrer durante toda a vida o castigo de uma escolha inconsiderada, deve submeter à madura reflexão a escolha da pessoa com a qual terá depois que viver sempre, e nessa deliberação tenha em vista, em primeiro lugar, a Deus e à verdadeira religião de Cristo, e depois a si próprio, ao cônjuge e à futura prole, assim como à sociedade humana e civil que dimana do matrimônio como da própria fonte. Invoque com fervor o auxílio divino, a fim de que possa escolher, em harmonia com a prudência cristã e não já movido pelo cego e indômito ímpeto da paixão, pelo mero desejo do lucro ou por qualquer outro impulso menos nobre, mas por amor verdadeiro e ordenado, por afeto sincero para com o futuro cônjuge e tendo em vista no matrimônio exatamente aqueles fins para os quais foi instituído por Deus» (*ibidem*, 44).

Uma vez que Cristo é o autor dos sacramentos e a origem da sua eficácia sobrenatural, a preparação específica para o matrimônio deve consistir precisamente em promover a maior identificação possível com Ele por parte dos noivos. Deste modo, os futuros cônjuges poderão tirar mais proveito da fonte da graça divina para continuar sua vida matrimonial como um caminho de santidade.

Como fazer os jovens batizados, talvez pouco ou nada praticantes da sua fé e imersos de modo acrítico na cultura contemporânea, compreender a conveniência de empreender um caminho de fé – vivida precisamente como identificação com Cristo – que dificilmente encontra lugar na sua visão do mundo? O único caminho possível é se concentrarem durante sua preparação para o matrimônio nas razões pelas quais “vale a pena” edificar seu amor sobre a ajuda da graça divina. A tarefa pastoral e teológica consiste em ler e fazer entender nesta perspectiva os requisitos essenciais da natureza sacramental tendo presentes as indicações magistrais.

A exortação apostólica pós-sinodal *Familiaris consortio* pode ser considerada o momento culminante das recomendações da Igreja, ao menos do ponto de vista da exaustividade e da concretização das indicações práticas. Podemos resumir brevemente o número 66 do documento dizendo que são João Paulo II entende que a preparação para o sacramento do Matrimônio começa muito antes da cerimônia: primeiro com a formação na família e logo depois na comunidade eclesial e na sociedade. Isso pode ser deduzido de suas palavras: «as mudanças verificadas no seio de quase todas as sociedades modernas exigem que não só a família, mas também a sociedade e a Igreja se empenhem no esforço de preparar adequadamente os jovens para as responsabilidades do seu futuro»⁵². Uma preparação que, em última instância,

52 São João Paulo II, exortação apostólica pós-sinodal *Familiaris consortio*, 22 de novembro de 1980, n. 66.

consiste em promover que os futuros esposos realizem sua chamada a ser imagem de Deus na entrega sincera de um ao outro.

Esta preparação se realiza em três etapas. A primeira, a *preparação remota*, começa na infância e tem a família como agente fundamental. À família se acrescenta, na fase seguinte de *preparação próxima*, uma «catequese renovada de todos os que se preparam para o matrimônio cristão [...] para que o sacramento seja celebrado e vivido com retas disposições morais e espirituais»⁵³. Parte fundamental desta fase é a formação dos futuros esposos, sobretudo no que diz respeito ao amor conjugal em todas as suas expressões, à vida comum e à paternidade. Por último, temos a indispensável *preparação imediata*, que consiste no exame canônico dos noivos. Trata-se de uma ocasião muito útil para que os párocos possam constatar se a preparação dos noivos é suficiente e detectar as eventuais deficiências com tempo para remediá-las.

As indicações específicas, tanto no âmbito do Magistério universal⁵⁴ como no de cada Conferência Episcopal, são abundantes. Remeto-me, portanto, a elas no que se refere à organização concreta dos cursos pré-matrimoniais. Nestas páginas oferecerei algumas sugestões para adaptar o conteúdo substancial da preparação sacramental – a fé da Igreja nos sacramentos e, em particular, no matrimônio – às petições e preocupações presentes no coração dos jovens que desejam unir suas vidas na aliança conjugal. O objetivo será fazer-lhes compreender que uma vida de fé mais plena e edificada na graça divina pode trazer benefícios para seu amor e sua comunhão pessoal. Nestes tempos em que a ideia de amor está tão no centro das neces-

53 Ibidem.

54 Além de *Familiaris consortio*, cfr. também Pontificio Consiglio per la Famiglia, *Preparazione al Sacramento del Matrimonio*, 13 de maio de 1996; *Código de Direito Canônico*, cann. 1036-1072; Francisco, exortação apostólica pós-sinodal *Amoris laetitia*, 19 de março de 2016, nn. 205-216.

sidades pessoais como esvaziada de conteúdo, é essencial que se convençam de que, para assegurar a felicidade verdadeira e duradoura, não bastam os afetos sinceros e profundos do coração humano, mas é necessário amar-se com o amor de Deus que está no coração do crente.

O Papa Francisco, na exortação *Amoris laetitia*, sustenta também que a adequada preparação dos jovens para o matrimônio não só é boa para eles como também para toda a comunidade eclesial: «Convido as comunidades cristãs a reconhecerem que é um bem para elas mesmas acompanhar o caminho de amor dos noivos. Como justamente disseram os bispos da Itália, aqueles que se casam são, para as comunidades cristãs, “um recurso precioso, porque, esforçando-se sinceramente por crescer no amor e no dom recíproco, podem contribuir para renovar o próprio tecido de todo o corpo eclesial: a forma particular de amizade que vivem pode tornar-se contagiosa, fazendo crescer na amizade e na fraternidade a comunidade cristã de que fazem parte” (Conferência Episcopal Italiana. Comissão episcopal para a família e a vida, *Orientamenti pastorali sulla preparazione al matrimonio e alla famiglia* (22 de outubro de 2012), 1)»⁵⁵.

Com estas premissas sugiro um conjunto de temas que creio que deveriam ser tratados em cada curso de preparação para a recepção do sacramento do matrimônio. Posteriormente tratarei de justificar cada um dos temas que o configuram segundo as exigências da cultura atual. Este é o esboço esquemático do conteúdo:

Tema 1. Sacramentalidade do matrimônio:

- O matrimônio no plano de Deus.
- Fundamento bíblico.
- O matrimônio como instituição natural.
- O matrimônio como sacramento da Nova Lei.
- Instituição e natureza dos sacramentos em geral.

55 Francisco, *Amoris laetitia*, n. 207.

- O sinal sacramental do matrimônio.
- Os ministros do sacramento do matrimônio.
- O matrimônio em relação aos outros sacramentos.

Tema 2. Natureza do sinal sacramental do matrimônio:

- Importância de assegurar a verdadeira “matéria” do sacramento.
- Características do verdadeiro pacto de amor que se converte em sacramento.
- Unidade: doação total e exclusiva da pessoa.
- Indissolubilidade: doação de toda a dimensão temporal da pessoa.
- Procriação: amor pessoal e fecundo, expressão da doação total.
- Como viver a unidade e a indissolubilidade na vida cotidiana. As dificuldades da cultura atual.

Tema 3. Moral matrimonial em relação à procriação:

- Natureza de doação da sexualidade humana.
- Na espécie humana o valor primário da sexualidade é a pessoa, não a espécie.
- Papel e lugar da sexualidade no amor conjugal.
- Visões errôneas do papel da sexualidade na pessoa e no casal.
- Critérios morais sobre a sexualidade humana.
- Valor positivo e santidade da sexualidade conjugal.
- Sexualidade e procriação: paternidade e maternidade responsáveis.
- Critérios para um juízo ético dos métodos para limitar ou evitar a procriação.

Tema 4. As virtudes na vida matrimonial

- Natureza das virtudes e seu papel para uma vida plena e feliz.

- Necessidade de crescer e “ajustar” a própria vida virtuosa ao contexto matrimonial.
- As virtudes teologais na vida matrimonial.
- A fé como certeza da vocação matrimonial.
- A esperança como confiança e segurança no devir da História.
- A caridade como forma e cume do amor conjugal.
- As virtudes cardeais na vida matrimonial.
- A prudência matrimonial: discernir e tomar as decisões corretas para manter e fomentar o amor.
- A justiça conjugal: dar e receber a plenitude da verdade pessoal. Sinceridade e transparência.
- A fortaleza conjugal: enfrentar sem medo as dificuldades inerentes à debilidade da criatura humana. Magnanimidade e paciência.
- A temperança matrimonial: a justa busca do prazer no amor dos cônjuges e na família. A virtude da humildade.

Tema 5. Informação geral sobre o papel dos esposos como pais.

Tema 6. Preparação litúrgica para a celebração do sacramento.

Obviamente a ordem dos temas (exceto os dois últimos) pode e deve ser modificado segundo as necessidades dos participantes. Muitas vezes, dependendo da sua familiaridade com as verdades da fé, será mais apropriado falar primeiro da natureza do amor (temas 2 e 4) e depois da sua origem divina e a dimensão sacramental (tema 1) e dos aspectos morais (tema 3).

2. Preparação para o matrimônio na situação atual

À luz da necessidade de amar com o Amor de Deus que está no próprio coração, vêm à mente as palavras de Anselm Günthör:

«Para compreender a revelação que Deus fez sobre o amor que tem pelo homem e sobre a vocação que este tem de responder-lhe com amor, é necessário ter tido antes a experiência de um amor inter-humano autêntico, ainda que seja somente natural»⁵⁶. Não só o amor humano necessita do Amor divino, mas também o Amor de Deus requer um coração capaz de amar naturalmente. Poderia-se dizer que esta capacidade natural deveria ser considerada inata. Todo ser humano sabe, em última instância, que só o amor é o motivo pelo qual vale a pena existir. Mas a palavra amor se presta, em si mesma, a uma multidão de significados⁵⁷; talvez seja o termo dotado de uma maior gama de significados. Por isso a citação anterior de Günthör conclui com esta afirmação: «Uma época determinada cria condições favoráveis ou desfavoráveis neste sentido, segundo a posição que conceda ou negue ao amor interpessoal»⁵⁸.

A modernidade foi enfraquecendo pouco a pouco a ideia de amor ao atribuir a esta palavra, além das “boas intenções” subjetivas, um significado onde a referência não é a pessoa amada, mas o prazer que ela pode me dar: amamos mais o fato de ser

56 A. Günthör, *Chiamata e risposta. Una nuova teologia morale*, Vol. 2. *Morale speciale: le relazioni del cristiano verso Dio*, San Paolo, Cinisello Balsamo 1998, 6ª edição, p. 241 (original: *Anruf und Antwort. Eine neue Moraltheologie*. Band 2. *Spezielle Moral: Die Beziehungen des Christen zu Gott*, Patris-Verlag, Vallendar-Schönstatt 1993).

57 «Em primeiro lugar, recordemos o vasto campo semântico da palavra “amor”: fala-se de amor à pátria, amor à profissão, amor entre amigos, amor ao trabalho, amor entre pais e filhos, entre irmãos e familiares, amor ao próximo e amor a Deus. Em toda esta gama de significados, porém, o amor entre o homem e a mulher, no qual concorrem indivisivelmente corpo e alma e se abre ao ser humano uma promessa de felicidade que parece irresistível, sobressai como arquétipo de amor por excelência, de tal modo que, comparados com ele, à primeira vista todos os demais tipos de amor se ofuscam. Surge então a questão: todas estas formas de amor no fim de contas unificam-se sendo o amor, apesar de toda a diversidade das suas manifestações, em última instância um só, ou, ao contrário, utilizamos uma mesma palavra para indicar realidades totalmente diferentes?» (Bento XVI, carta encíclica *Deus Caritas est*, 25 de dezembro de 2005, n. 2).

58 Günthör, *Chiamata e risposta*, Vol. 2, p. 241.

amados do que a pessoa que nos ama. O esquecimento da pessoa, consequência da mentalidade racional do mundo atual, se traduz na redução do amor interpessoal a um intercâmbio de operações afetivas nas quais a outra pessoa é necessária, mas não essencial nem insubstituível. A tendência a restringir a consideração da pessoa à dimensão funcional implica que o outro é visto apenas na base do próprio benefício; nesse sentido, é substituível na medida em que outras realidades, pessoais ou não, podem proporcionar maiores benefícios⁵⁹.

Esse paradigma moderno não satisfaz o coração dos jovens, que veem em seu amor o significado único da sua existência e, portanto, querem que seja eterno, mas ao mesmo tempo se encontram sem os recursos para assegurar a duração do amor como sinal da História. Estão convencidos do “formoso que seria” um amor para sempre, mas poucos se sentem capazes de cumprir este sonho; muitos inclusive estão convencidos de que é com-

59 «Quem pode negar que a nossa seja uma época de grande crise, que se exprime sobretudo como profunda *«crise da verdade»*? Crise da verdade significa, em primeiro lugar, *crise de conceitos*. Os termos “amor”, “liberdade”, “dom sincero” e até mesmo os de “pessoa”, “direitos da pessoa”, significarão na realidade aquilo que por sua natureza contêm? [...] o desenvolvimento da civilização contemporânea está ligado a um progresso científico-tecnológico que se verifica de modo frequentemente unilateral, apresentando, por conseguinte, características puramente positivistas. O positivismo, como se sabe, tem como frutos o agnosticismo no campo teórico e o utilitarismo no campo prático e ético. Nos nossos tempos, a História em certo sentido se repete. O *utilitarismo* é uma civilização da produção e do desfrute, uma civilização das «coisas» e não das «pessoas»; uma civilização onde as pessoas se usam como se usam as coisas. No contexto da civilização do desfrute, a mulher pode tornar-se para o homem um objeto, os filhos um obstáculo para os pais, a família uma instituição embaraçante para a liberdade dos membros que a compõem. Para convencer-se disto, basta examinar *certos programas de educação sexual* introduzidos nas escolas, não obstante o frequente parecer contrário e até os protestos de muitos pais; ou então, as *tendências pró-abortistas* que em vão procuram esconder-se atrás do chamado «direito de escolha» (*«pro choice»*) por parte de ambos os cônjuges, e particularmente por parte da mulher. São apenas dois exemplos dos muitos que se poderiam recordar» (São João Paulo II, Carta às Famílias *Gratissimam sane*, 2 de fevereiro de 1994, n. 13).

pletamente impossível. Posto que a ameaça do fim do amor se vê em qualquer caso como um motivo de sofrimento, é comum que vejam o compromisso matrimonial como algo muito oneroso do qual, em última instância, é melhor manter-se afastado. Ainda que a condição matrimonial seja a mais normal e natural da condição humana – para o qual toda pessoa deveria ser suficientemente idônea e predisposta a ela – é muito comum encontrar nos indivíduos um forte temor que se manifesta na convicção de que nunca estão preparados para dar este passo. O matrimônio exige uma boa dose de esperança.

Esta dificuldade se agrava pelo vínculo existente entre matrimônio e família, e pelo fato de que a cultura contemporânea permite que muitas das vantagens pessoais que antes só se obtinham através do matrimônio podem ser gozadas sem o compromisso matrimonial. Em consequência, muitos jovens que veem o caminho do matrimônio como algo muito difícil se sentem livres para levar uma vida sexual plenamente ativa sem pensar, com frequência e como algo positivo, na finalidade procriadora natural do amor. Muitos deles consideram que a separação entre a sexualidade e o matrimônio é algo natural e dão por certo que deve ser assim. Desde os anos 50, com a chegada da pílula de Pincus e a revolução sexual de Marcuse, não deixou de crescer na cultura contemporânea esta convicção. De fato, a descoberta da anticoncepção hormonal proporcionou pela primeira vez à humanidade um instrumento técnico para que o que antes estava limitado à esfera privada pudesse assumir as conotações, primeiro, de uma teoria antropológica e sociológica, e depois, de uma forma cultural dominante, ao menos nos países ocidentais.

Isso provocou que tudo de “natural” que podia haver no compromisso matrimonial em vista à criação de uma família se tenha convertido em uma mera questão de opções pessoais livres de qualquer vínculo. Deste ponto de vista, a condição prévia para “unir-se” seria a mútua compreensão sexual e, portanto, a única preparação necessária consistiria em ensinar técnicas contracon-

ceptivas. Paradoxalmente, algo tão antinatural como a irrupção dos métodos de controle da natalidade levou muitos a considerar como “natural” uma vida sexual prévia, ativa e independente do matrimônio. Para quem cresceu com essas categorias tão limitadas, não é fácil entender a necessidade de se preparar para o que todos nós estamos aparentemente bem dotados pela natureza.

A isso se acrescenta o fato de que em nossos dias muitos jovens tendam a conceber o amor conjugal apenas em termos de sentimento, o que leva a não comprometer a totalidade da pessoa na doação mútua. Uma vez que o amor emocional é fundamentalmente “centrípeto”, não se exige uma grande preparação para proceder a esse tipo de união: basta sentir a chamada, “tentar” e ir adiante sempre que esteja bem.

3. A demanda pós-moderna de um amor autenticamente humano

Deve-se dizer, no entanto, que, junto aos limites da modernidade, existe hoje um forte impulso de mudança, uma ampla consciência da necessidade radical de tomar um caminho diferente. A pós-modernidade relacional está redescobrando o ser pessoa como elemento fundamental para a interpretação da realidade e para afirmar que a própria relação está na origem de tudo. A necessidade de ter relações verdadeiras consigo mesmo, com os outros e com o mundo exige uma nova atitude, em grande parte ausente na modernidade, de amor ao homem e ao cosmos. Não se trata apenas de amar como busca do próprio prazer, mas de assegurar o bem estável e duradouro do que é visto como o destino da própria realização: o amor “centrífugo” de benevolência, querer o verdadeiro bem do outro enquanto outro. Neste ponto resplandece com força a ideia bíblica e cristã do amor conjugal como fundamento de toda outra possibilidade de amor: ter sido criado como homem e mulher à imagem de Deus é a resposta

revelada ao desejo pós-moderno de encontrar um fundamento para o ser relacional.

O paradigma da relação enfatiza a condição pessoal e a situa por cima das exigências da mera natureza. No amor verdadeiramente humano, o primeiro valor é a pessoa, e não a natureza. A distinção entre natureza e pessoa significa também que o amor eletivo “pessoal” se distingue do amor “natural”, mas sem esquecer que a condição verdadeiramente humana exige a unidade e a plena harmonia entre as duas dimensões. Em última instância, a distinção entre natureza e pessoa não pode ser vista como uma oposição: somos seres naturalmente pessoais! Lamentavelmente, nos nossos dias não é difícil constatar que essa harmonização é desnecessária para muitas pessoas, seja porque não se distinguem os dois elementos a harmonizar (o amor se entende apenas como “natural”) ou porque a harmonização se tenta a partir de baixo (o amor natural comanda o amor pessoal).

Uma antropologia correta requer que o amor pessoal seja o princípio integrador na harmonia da pessoa; só quando se é capaz de amar com amor pessoal, eletivo e de benevolência, é quando o amor natural e afetivo alcançará sua plenitude. É certo que o homem não pode viver sem afetos, mas estes devem ser formalizados no amor de benevolência, sem o qual não se fazem verdadeiramente humanos. Pelo contrário, muitas vezes é o amor de benevolência o que dá origem a afetos onde “naturalmente” não surgiriam: uma pessoa pode sentir verdadeiro afeto por outro que não é digno de merecer tal sentimento, como pode acontecer com uma mãe por um filho indigno ou com um amigo pelo amigo indigno.

Os jovens que se sentem “pessoalmente” chamados ao matrimônio podem ser considerados apaixonados com amor de afeto e não tanto com amor de benevolência. Ainda que em muitos casos isso seja certo, também o é que só aqueles que são capazes de amar com benevolência podem experimentar o surgimento do amor “natural” como um verdadeiro afeto que lhes leva a ver a pessoa pela qual se apaixonam como algo bom “em si mesmo”

antes de considerá-la como algo bom “para si mesmo”. Apaixonar-se conduz a um amor eletivo, mas só aqueles que são capazes de um amor eletivo podem se apaixonar de uma maneira verdadeiramente humana. Normalmente a experiência dos jovens coincide ao início com este padrão, e é em fases posteriores ao apaixonamento inicial que o poder da atração sexual pode distorcer a relação; agora bem, todos concordam que o verdadeiro apaixonamento não começa por ver no outro ou na outra um companheiro sexual. A atração não é entre sexos, e sim entre pessoas sexuadas.

Esses são os pressupostos que creio que podem convencer os jovens da conveniência de aprofundar no primeiro tema do programa proposto: o amor humano no plano de Deus e sua elevação ao nível sacramental na Nova Lei.

Na mesma perspectiva, o segundo tema deveria ser proposto enfatizando a identidade entre a condição de validade do sacramento e a natureza do amor genuíno, que é uma resposta ao desejo mais profundo do coração humano. Em última instância, o verdadeiro amor interpessoal e de entrega que a Igreja indica aos noivos não só é condição para a validade do sacramento que pretendem administrar e receber, mas também o elemento pelo qual, como dizíamos ao início da epígrafe anterior, “vale a pena” unir-se no sagrado vínculo do matrimônio.

Veicular através do matrimônio o impulso que leva os jovens a buscar a satisfação afetiva exige, portanto, vincular este desejo afetivo com aquilo que pode levar a que o amor seja vivido em sua totalidade. A Terceira Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo (5-19 de outubro de 2014), de onde procede *Amoris laetitia*, indicou um caminho específico para alcançar esta meta: «Para a Igreja, o desafio consiste em ajudar os casais no amadurecimento da dimensão emocional e no desenvolvimento afetivo, através da promoção do diálogo, da virtude e da confiança no amor misericordioso de Deus»⁶⁰.

60 *Relatio Synodi* da III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos, n. 9.

Três elementos, portanto, são considerados essenciais nesta tarefa pastoral: o diálogo, a virtude e a confiança em Deus.

4. As exigências do amor autêntico: o diálogo

O primeiro destes três elementos, o diálogo, não é simplesmente a comunicação de um conteúdo intelectual, mas está relacionado à própria natureza do amor de benevolência. Não é fácil nos nossos dias passar do amor afetivo “entre dois”, que continua sendo “centrípeto”, ao verdadeiro amor conjugal de doação “centrífugo”, do qual nascem o verdadeiro afeto humano e o verdadeiro diálogo. Este diálogo é fruto da entrega total à altura da dimensão intelectual do homem, que faz com que os esposos tenham uma única verdade e um único amor e que, portanto, possam se converter também em “uma só carne”. Também o amor meramente afetivo requer uma grande comunicação vital, mas sua dinâmica é mais de intercâmbio, e não tanto de doação.

O amor humano dos cônjuges é pleno quando “íntegro” estes dois amores, afetivo e de benevolência, em uma única experiência de vida comum. Como vimos anteriormente, a integração destes dois amores acontece de forma descendente: enquanto que o amor de benevolência dá origem e aumenta o amor afetivo, este não dá origem ao amor de benevolência. Certamente pode-se passar do *amor sensibilis* ao *amor rationalis*, mas esta passagem é o resultado de uma ação livre e eletiva. A consciência desta verdade deve ser adquirida através de uma adequada formação da liberdade, que em condições normais acontece durante a *preparação remota* para o matrimônio. No entanto, deve-se ter em conta que a pressão cultural que leva a considerar o amor como um mero sentimento e, portanto, como algo que romanticamente se “sofre” mais do que “se escolhe”, está tão profundamente arraigada na civilização moderna que parece ser dominante. A isso se acrescenta o peso específico da carga cul-

tural negativa presente em muitos jovens, que faz com que este tema seja central e urgente na preparação *próxima e imediata*. Com efeito, o Magistério da Igreja leva muito tempo insistindo neste ponto⁶¹.

Na mesma linha da transmissão dos conteúdos anteriores, os futuros esposos, ao se sentirem mutuamente atraídos (*amor sensibilis*), tomam consciência de que o valor primário é a pessoa e não a espécie, como seria nos animais; de que seu amor é eletivo, isto é, provocado por uma eleição mútua livre e incondicional, pela qual cada um se autodestina à plenitude pessoal do outro, dando e recebendo a palavra (diálogo) que expressa este destino mútuo. Portanto, os noivos devem estar seguros de sua vocação “pessoal” e de sua realização mútua na *communio personarum*, isto é, no fato de que esta *communio* requer como condição os três *bona*: unidade, indissolubilidade e procriação. Considerar estes elementos não como simplesmente desejados

61 Pode ser considerada especialmente profética a advertência de São Paulo VI na encíclica *Humanae vitae* (25 de julho de 1968), quando indicou como elemento essencial da plena humanidade do amor esponsal o fato de que «não é um simples ímpeto do instinto ou do sentimento; mas é também, e principalmente, ato da vontade livre, destinado a manter-se e a crescer, mediante as alegrias e as dores da vida cotidiana, de tal modo que os esposos se tornem um só coração e uma só alma e alcancem juntos a sua perfeição humana» (n. 9). Mais recentemente, São João Paulo II insistiu na Carta às Famílias *Gratissimam sane*: «Sem dúvida, *contrário à civilização do amor* é o chamado “amor livre”, tanto mais perigoso por ser habitualmente proposto como fruto de um sentimento “verdadeiro”, quando efetivamente destrói o amor. Quantas famílias levadas à ruína precisamente pelo “amor livre”! Seguir em qualquer caso o “verdadeiro” impulso afetivo, em nome de um “amor” livre de condicionamentos, na realidade significa tornar o homem escravo daqueles instintos humanos, que S. Tomás chama “paixões da alma” (*Suma Teológica*, I-II, q. 22). O “amor livre” explora as fraquezas humanas, conferindo-lhes certa “moldura” de nobreza com a ajuda da sedução e com o apoio da opinião pública. Procura-se assim “tranquilizar” a consciência, criando um “álibi moral”. Mas não se têm em consideração todas as consequências que daí derivam, especialmente quando a pagá-las são, para além do cônjuge, os filhos, privados do pai ou da mãe e condenados a serem, de fato, órfãos de pais vivos» (n. 14). É evidente a importância de transmitir estes conteúdos aos *noivos*, com as palavras e os meios adequados.

ou meramente convenientes (o que é muito comum na apresentação tradicional dos *bona*), mas como condições de amor pessoal autenticamente humano, não é fácil hoje em dia. Creio que este é um dos pontos centrais que é necessário ilustrar na catequese de preparação para o matrimônio. De fato, a demanda atual de plenitude emocional se cumpre de forma duradoura somente quando o amor eletivo tem estas condições⁶².

Por outro lado, o sinal sacramental do matrimônio dá origem precisamente a um amor interpessoal com estas características. A *unidade* dos indivíduos exige fidelidade, não como exclusão da infidelidade, mas como realização do dom total e mútuo da pessoa: nenhum dos dois se reserva nada da própria pessoa e, portanto, não pode dispor dela na primeira pessoa do singular. Do mesmo modo, a *indissolubilidade* não é a negação do divórcio, mas a expressão do fato de que a doação que faz uma pessoa, por sua natureza histórica, requer dar a própria temporalidade inteira; a *communio* é sempre uma tarefa por realizar para que a pessoa tenha tempo à sua disposição, tempo não “para dar”, mas “já entregue”. Finalmente, a *procriação* é uma manifestação adequada do fato de que o dom mútuo, sem deixar de lado nenhuma dimensão espaço-temporal, se realiza na maior intimidade possível dos cônjuges; mostra que a realidade corpóreo-espiritual do ser humano está vinculada por natureza à transmissão da vida.

A partir desse ponto de vista será fácil assinalar que a sexualidade dialógica e completa a que estão chamados os cônjuges é principalmente manifestação e realização do dom recíproco da

62 O ensinamento de *Humanae vitae* n. 9 continua sendo relevante nesta linha: «Nesta luz aparecem claramente as notas características do amor conjugal [...]. É, antes de tudo, um amor plenamente *humano*, quer dizer, ao mesmo tempo espiritual e sensível. [...] É, ainda, amor *fiel e exclusivo*, até à morte. Assim o concebem, efetivamente, o esposo e a esposa no dia em que assumem, livremente e com plena consciência, o compromisso do vínculo matrimonial. [...] É, finalmente, amor *fecundo* que não se esgota na comunhão entre os cônjuges, mas está destinado a perpetuar-se, suscitando novas vidas».

própria verdade e do próprio amor, que se colocam à disposição do outro para alcançar, na máxima expressão da comunhão, a mútua perfeição como pessoas: a pessoa se realiza na comunhão. Esse é o objetivo que os cônjuges buscam na sua vida sexual, sem excluir – mais do que isso, promovendo – o prazer individual que a sexualidade naturalmente leva consigo; mas é importante que esta dimensão mais “individual” esteja em último lugar na escala de valores. Os futuros cônjuges devem saber que essa ordem – primeiro, a doação e a aceitação da própria identidade como pessoa sexuada; segundo, a busca de prazer do cônjuge naturalmente acrescentada a essa doação; e finalmente a busca de prazer para si mesmo – não só assegura a máxima felicidade em sua doação, mas também faz de sua vida sexual um instrumento para aumentar, preservar e reparar o amor conjugal. Uma inversão da ordem, pelo contrário, faria com que a sexualidade do casal começasse a se converter em um ato de dominação.

5. O amor autêntico exige virtude

Depois de ter comprovado a natureza dialógica do amor pessoal total, resulta evidente que alcançar e manter suas exigências ao longo do tempo não é tarefa fácil. De fato, na cultura contemporânea esses aspectos não costumam ser considerados como os valores pelos quais “vale a pena” esse caminho. Além disso, requerem condições pessoais que não são proporcionadas pela natureza, mas são adquiridas apenas com o compromisso e a formação, através de atos livres por autodeterminação. Não se está “pronto” para a vida matrimonial e, sem dúvida, não é suficiente celebrar o matrimônio para preparar-se. Sentir que o amor “vale a pena” requer um crescimento na virtude, da qual se fala no quarto tema que propusemos no curso.

É evidente que o conceito de virtude moral da tradição socrático-aristotélica não está muito presente na cultura contempo-

rânea, por isso é preciso inculcar nos jovens o seu conteúdo adaptando adequadamente a linguagem e as formas de transmissão. Em todo caso, é fundamental que compreendam que as virtudes morais são a interface através da qual a liberdade pessoal, orientando-se para objetivos positivos ainda não alcançados, conduz ao aperfeiçoamento do próprio ser humano. As virtudes intelectuais, pelo contrário, também são necessárias para a vida matrimonial, mas conduzem ao aperfeiçoamento só dos aspectos específicos das próprias ações. Esse aperfeiçoamento ou excelência da pessoa virtuosa exige o compromisso de adquirir *hábitos operativos bons* e é a chave de uma vida feliz que se consegue alcançando a maior harmonia possível entre si mesmo, os outros e o mundo.

A vida virtuosa é uma unidade, por isso o curso de preparação, mais que centrar-se em certas virtudes consideradas como as mais necessárias para a futura vida matrimonial, tratará de fazer compreender aos jovens os aspectos específicos para os que cada uma das faculdades em que se estrutura classicamente a vida virtuosa (as virtudes cardeais) coopera para melhorar a vida matrimonial. Pode-se ressaltar que uma coisa é viver determinada virtude como solteiro e outra coisa é vivê-la e desenvolvê-la como fundamento de uma vida compartilhada⁶³.

63 As conhecidas afirmações de Santo Agostinho que relacionam cada uma das virtudes cardeais com o amor podem servir de guia: «Uma vez que a virtude nos conduz à verdadeira felicidade, eu afirmaria que a virtude não é outra coisa que o supremo amor de Deus. E o fato de dizer que a virtude é quadripartida, se diz, como eu o entendo, em consideração à variedade de disposições que o próprio amor assume. Essas quatro famosas virtudes, cuja força quer o céu que sejam em todas as almas como seus nomes estão em suas bocas, não titubearia em defini-las também assim: a temperança é o amor que se dá totalmente ao que se ama; a fortaleza é o amor que tudo suporta pelo que se ama; a justiça é o amor que serve exclusivamente ao que se ama e que, por causa disso, domina com retidão; finalmente, a prudência é o amor que distingue com sagacidade o que é útil do que é prejudicial» (Santo Agostinho, *De moribus Ecclesiae catholicae et de moribus Manichaeorum*, I, 15). Nesse texto, não é difícil sentir a presença do hino de 1Cor 13, cujo conteúdo se amplia e sistematiza com referência

A determinação do melhor modo de transmitir estes conteúdos na catequese pré-matrimonial depende de muitos fatores. Sem descuidar a dimensão comunitária da preparação, requer uma prioritária atenção pessoal a cada um dos futuros cônjuges, como exige o segundo parágrafo do cânon 1063 do Código de Direito Canônico ao falar de «preparação pessoal para contrair matrimônio, pela qual os noivos se disponham para a santidade e deveres do seu novo estado».

Em algumas ocasiões pode ser preferível fazer uma exposição mais “escolástica” das virtudes morais, recorrendo ao esquema clássico das quatro virtudes cardeais aplicadas à vida matrimonial; outras vezes será preferível fazer uma exposição mais vital-existencial, insistindo nas virtudes que mais promovem a comunhão pessoal, como a sinceridade ou a humildade, passando logo às mais práticas como a magnanimidade ou a paciência.

Em todo caso, é evidente que as virtudes da vida matrimonial se desenvolverão sobretudo a partir da celebração do matrimônio. Por este motivo talvez fosse mais importante do ponto de vista pastoral realizar cursos “pós-matrimoniais” que ajudem os jovens casados a desenvolvê-las⁶⁴. Neste sentido, o parágrafo 4 do cânon que acabamos de mencionar insiste na tarefa dos pastores depois da celebração do matrimônio: «com o auxílio prestado às pessoas casadas, para que, guardando fielmente e defendendo a aliança conjugal, consigam levar em família uma vida cada vez mais santa e plena».

Já dissemos que a ajuda para o crescimento nas virtudes matrimoniais será mais necessária depois da celebração do matrimônio. Em consequência, uma ideia importante para transmitir ao casal

à caridade, o amor de Deus, como fundamento de toda virtude ou negação do vício: «A caridade é paciente, a caridade é bondosa; não tem inveja, não é orgulhosa, não é arrogante, não é escandalosa, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor, não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade...». Cfr. Francisco, *Amoris laetitia*, nn. 90-119.

64 Cfr. *ibidem*, nn. 217-230.

é que, se há um verdadeiro diálogo entre eles, com as características indicadas no parágrafo anterior, cada um será para o outro o melhor guia para uma vida virtuosa capaz de desenvolver-se ao longo dos anos. De maneira similar, na medida em que o crescimento das virtudes melhore as pessoas, também permitirá e facilitará a tarefa da doação mútua. Cada cônjuge será, portanto, o melhor instrumento possível para levar o outro à perfeição. O diálogo conduz à virtude e a virtude aumenta o diálogo.

6. Para que o amor dure é necessário confiar em Deus

O nascimento do amor requer o exercício da esperança. Porém, para que não fique apenas em um desejo, mas se converta em uma confiança firme e inquebrantável, a esperança tem que ser teologal. Dito de outro modo, a esperança humana de um amor eterno só pode alcançar sua perfeição mediante a graça santificante. A lúcida reflexão de Josef Piper pode ser aplicada também à esperança de uma plena realização do amor sponsal: ou é teologal, ou não é virtude⁶⁵. O diálogo e a virtude necessitam que se confie à graça auxiliadora de Deus⁶⁶.

É o momento de recordar aos futuros esposos as palavras de São João Paulo II: «Pensai na vossa escolha afetiva, e imagino

65 «Denn die Hoffnung ist entweder theologische Tugend, oder sie ist überhaupt nicht Tugend» (J. Pieper, *Über die Hoffnung*, J. Hegner, Leipzig 1935, p. 27).

66 Continuam sendo significativas as palavras de São Paulo VI em *Humanae vitae*, dessa vez no número 8: «O amor conjugal exprime a sua verdadeira natureza e nobreza, quando se considera na sua fonte suprema: Deus que é Amor (cfr. 1 Jn, 4,8), “o Pai, do qual toda a paternidade nos céus e na terra toma o nome” (Ef, 3,15). O matrimônio não é, portanto, fruto do acaso, ou produto de forças naturais inconscientes: é uma instituição sábia do Criador, para realizar na humanidade o seu desígnio de amor. Mediante a doação pessoal recíproca, que lhes é própria e exclusiva, os esposos tendem para a comunhão dos seus seres, em vista de um aperfeiçoamento mútuo pessoal, para colaborarem com Deus na geração e educação de novas vidas».

que estais de acordo comigo: o que verdadeiramente conta na vida é a pessoa com quem se decide partilhá-la. Mas, cuidado! Toda a pessoa humana é inevitavelmente limitada: mesmo no matrimônio mais feliz, não deixa de registrar-se certa medida de desilusão. Pois bem, meus caros amigos! Não serve isso para confirmar o que acabamos de ouvir o apóstolo Pedro dizer? Todo ser humano, mais cedo ou mais tarde, termina exclamando como ele: “Para quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna”. Só Jesus de Nazaré, o Filho de Deus e de Maria, o Verbo eterno do Pai, nascido há dois mil anos em Belém da Judeia, só Ele é capaz de satisfazer as aspirações mais profundas do coração humano»⁶⁷.

Com essa ideia, os noivos aprendem que seu amor e as virtudes com as quais devem construí-lo não dependem de suas limitadas forças; seu compromisso humano é necessário, mas não suficiente, e por si só estariam sujeitos à decepção e ao desgaste da História. A certeza da duração do seu amor está assegurada pelo fato de que se baseia em uma palavra dada e aceita, uma palavra que não é humana: devem ser conscientes de que têm que tomar emprestadas as *palavras de vida eterna* de Cristo para viver seu amor recíproco. Nisso precisamente consiste a realidade sacramental do matrimônio.

Essa participação sacramental no poder de Cristo se traduz de forma dinâmica em uma nova dimensão virtuosa que é recebida e não adquirida: a vida teologal. A palavra de vida eterna de Jesus, acolhida com fé, se converte no motivo de uma esperança teologal; já não é apenas o desejo humano, mas uma confiança inquebrantável que conduz a um amor esponsal que é verdadeira caridade: para os esposos, a fé, a esperança e a caridade para com Deus também são fé, esperança e caridade em seu casamento. As virtudes teologais se apresentam como a capacidade dinâmica concedida pela graça para levar à plenitude a

67 São João Paulo II, *Homilia para a conclusão da XV Jornada Mundial da Juventude*, Tor Vergata, 20 de agosto de 2000.

lógica operativa das virtudes morais. Estas, por sua vez, se apresentam aos futuros esposos como a realização prática do amor plenamente humano.

Por outro lado, me parece que centrar o discurso sacramental nas três virtudes teologais tem a vantagem de ver a preparação imediata da liturgia (tema 6) não como um mero “ensaio da cerimônia”, mas como uma participação ativa no mistério de Cristo, de cuja Cruz se derrama o amor de Deus sobre os corações dos esposos em virtude do Espírito que recebem (cfr. *Rm* 5,5).